

*Przemysław Dębowiak*

Universidade Jaguelónica de Cracóvia

## OS AUMENTATIVOS NAS LÍNGUAS PORTUGUESA E ROMENA

### Augmentatives in Portuguese and Romanian

#### ABSTRACT

The aim of the paper is to analyse, in a comparative perspective, the augmentatives in Portuguese and Romanian, two Romance languages traditionally called peripheral. As theoretical framework, some remarks on the phenomenon of evaluative derivation in general, and the augmentative one in particular, are presented. Different ways of forming evaluative derivatives, as well as the semantic values they normally convey, are mentioned. Furthermore, the mechanisms of the augmentative derivation in Portuguese and Romanian are analysed. Repertories of augmentative suffixes existing in both languages are depicted with an explanation of their origin and primitive semantic motivation. Their other functions and productivity are mentioned too. Also the process of lexicalization of augmentative derivatives is referred to on this regard. Based on this data, similarities, analogies and differences that can be observed in the field of evaluative morphology of both linguistic systems are pointed out.

KEYWORDS: augmentative, morphology, Portuguese, Romanian.

### INTRODUÇÃO

A derivação é um dos meios mais eficazes do enriquecimento lexical de uma língua, a par da composição, do empréstimo e da neologia (entendida como aquisição de novos sentidos pelas palavras já existentes no seu repertório). Entre os vários tipos de derivação, a derivação afixal é geralmente a mais produtiva nas línguas românicas.

O objetivo do presente trabalho é analisar, numa perspetiva comparativa, um caso particular da derivação sufixal – a formação dos aumentativos – em duas línguas românicas tradicionalmente chamadas periféricas: o português e o romeno<sup>1</sup>.

O tema tratado é inovador não apenas nos dois idiomas mencionados. A formação dos diminutivos já constituiu muitas vezes objeto de vários estudos científicos mais ou menos pormenorizados, tanto na diacronia como na sincronia; para as línguas românicas, vejam-se p.ex.: Hasselrot (1957), Ettinger (1974), Dębowiak (2014), para o português e o romeno em particular, cf. Pușcariu (1899 e 1937), Skorge (1956–1957 e 1958), Con-

---

<sup>1</sup> Nomeadamente, o português europeu e o daco-romeno.

drea (2007), Zafiu (2010 e 2011), Dębowskiak (2011). Contudo, a formação dos aumentativos continua a ser um domínio de investigação por explorar.

## ESCLARECIMENTOS TEÓRICOS

O que é um aumentativo? Para fixar um ponto de partida, seguem-se algumas das definições tradicionais<sup>2</sup>:

- “diz-se de um elemento – em geral um afixo – que é aumentativo quando exprime uma noção de alargamento (...)” (Mounin 1974 s.v. *Augmentatif*);
- “derivado que exprime uma variação de dimensão, frequentemente com conotações depreciativas (...)” (Cardona 1988 s.v. *aumentativo*, s.v. *accrescitivo*);
- “derivado que exprime um alargamento da *quantitas*, ou seja, da dimensão do designado. (...) A variação da *quantitas* (...) às vezes é acompanhada de uma alteração da *qualitas* (ou seja, do valor) expressa pela forma de base: o resultado, neste caso, é um substantivo ao qual se associa um matiz semântico pejorativo (...)” (Beccaria 1989 s.v. *accrescitivo*);
- “substantivo ou adjetivo formado de um dado substantivo ou adjetivo e que exprime, em relação a este, a grandeza excessiva de um objeto ou a intensificação excessiva de um traço. (...) Ao mesmo tempo, os aumentativos exprimem maioritariamente uma atitude pejorativa do locutor para com os objetos ou traços que nomeiam” (Polański 2003 s.v. *Augmentativum* (*zgrubienie*)).

Poder-se-ia então definir o aumentativo como derivado de X cujo sentido corresponde à perífrase ‘grande X’ ou ‘aquele que é / tem / faz X num grau elevado’. Comparados com diminutivos, os aumentativos são em geral mais raros e menos homogêneos quanto ao comportamento formal e semântico (cf. Bauer 1997; Bakema, Geeraerts 2000; Grandi 2002: 1–3).

O nome do aumentativo indica a função primordial que se atribuiu a este conceito gramatical no momento em que foi preciso batizá-lo, provavelmente por oposição ao diminutivo. Trata-se sobretudo da indicação de grandes dimensões (lat. *augmentāre* ‘aumentar, acrescentar, alargar’), frequentemente com nuances afetivas positivas ou – sobretudo, como se diz na literatura – negativas. Se o termo *diminutivo* funcionava já nas gramáticas latinas do tempo da Antiguidade, o vocábulo *aumentativo* é muito mais recente, só tendo sido forjado na Idade Média, o que não é de admirar, dado que o latim ignorava os aumentativos, pelo menos a nível sistémico. Quanto às línguas românicas, o termo parece ter sido atestado pela primeira vez em espanhol (*aumentativo*), na gramática de Antonio de Nebrija de 1492. Logo se seguiu (em 1540) o emprego do mesmo termo em português, usado por João de Barros na *Gramática da língua portuguesa*. O italiano *accrescitivo* foi introduzido pela Accademia della Crusca em 1612, e o francês *augmentatif* nota-se desde 1680, ano em que se publicou a primeira edição do *Dictionnaire français* de Pierre Richelet (cf. CDP s.v. *aumentativo*; DELI s.v. *accrêscere*; Fernández 1997–1998: 175; TLF s.v. *augmentatif*). Falta a data exata da primeira atestação do romeno *augmentativ*, mas trata-se provavelmente do século XVIII ou XIX.

<sup>2</sup> Todas as definições se citam na nossa própria tradução.

Muito se escreveu na literatura linguística acerca do valor primitivo dos sufixos avaliativos, sobretudo diminutivos. Hakamies (1951: 16 e ss.), estudando a etimologia dos sufixos diminutivos latinos, chega à conclusão que a função primitiva dos diminutivos era simplesmente a de indicar uma relação de pertença ou semelhança (independentemente das dimensões do objeto designado pelo derivado), de onde surgiram os seus valores secundários como o apequenamento, e por conseguinte, afetividade, expressividade e intensificação (no caso dos adjetivos e advérbios). Também segundo Jordan (1956: 310–311) o valor referencial gerou o valor emocional, tanto nos diminutivos como nos aumentativos. No entanto, depois da intervenção de Alonso (1974), certos linguistas vieram reclamar o sentido predominantemente afetivo dos diminutivos. Fizeram-se muitos estudos, sobretudo no âmbito da linguística espanhola, que apontavam para a prevalência de diferentes matizes afetivos dos diminutivos nos textos, na ótica sincrónica. Por sua vez, o autor mais dedicado aos diminutivos nas línguas românicas, Bengt Hasselrot, achou este debate vão e improdutivo (1957: 304); uma opinião semelhante foi emitida mais tarde pelo perito em latim vulgar, Veikko Väänänen (1967: 87).

Se mencionámos esta polémica, é porque ela se refere igualmente à origem dos sufixos aumentativos que, a nosso ver, indicavam primitivamente uma referência concreta e, através do processo de gramaticalização, passaram a designar grandes dimensões e outras qualidades em excesso. Por conseguinte, foram adquirindo todos os valores afetivos possíveis que estivessem relacionados com isso. Esse desenvolvimento é perceptível nos sufixos aumentativos em português e em romeno, como se verá adiante.

A literatura mais recente tende a evitar pronunciar-se inequivocamente nesta discussão, atribuindo aos diminutivos e aumentativos uma função avaliativa e modificadora em relação à base de derivação. Isso significa que eles não provocam nem a recategorização gramatical da base, nem a mudança do designado da base. Compare-se o que dizem as gramáticas das línguas românicas:

- português – sufixos modificadores e avaliativos: diminutivos, aumentativos e de grau (Villalva 2003: 958–962);
- espanhol – sufixos avaliativos (esp. *sufijos apreciativos*): diminutivos, aumentativos, pejorativos e superlativos (RAE 2010: 627–662);
- catalão – sufixos avaliativos (cat. *sufijos valoratius*): diminutivos, aumentativos, positivos e negativos (Solà *et al.* 2002: 743–744);
- francês – sufixos que “operam uma recategorização simplesmente avaliativa do designado da base”: diminutivos e pejorativos (Riegel, Pellat, Rioul 2009: 905–906);
- italiano – sufixos modificadores ou avaliativos (it. *suffissi alterativi* ou *valutativi*) que formam palavras modificadas (it. *parole alterate* ou *alterati*): diminutivos, aumentativos, verbos modificados (it. *alterati verbali*) (Dardano, Trifone 1999: 602–606);
- romeno – “afixos derivativos que conservam a classe lexical-gramatical de origem”, p.ex. sufixos diminutivos (Dindelegan 2010: 14).

De qualquer modo, um traço característico dos sufixos aumentativos é a sua polivalência semântica. Servem para os locutores exprimirem uma atitude muito pessoal e subjetiva face àquilo que dizem, não podendo a significação das formações aumentativas ser plenamente percebida senão no seu contexto. Logo, propondo-nos a esboçar um quadro

comparativo dos aumentativos em português e em romeno, decidimos basear-nos em primeiro lugar no critério formal<sup>3</sup>.

## ANÁLISE

### Apresentação dos dados

Contrariamente aos diminutivos, não existem palavras latinas originalmente aumentativas que se tenham conservado em qualquer língua românica, porque, conforme foi mencionado, o latim desconhecia os aumentativos. Por isso não se pode comparar o espólio lexical latino deste grupo particular de vocabulário em várias áreas geográficas da România.

No entanto, é possível verificar quais são as marcas dos aumentativos nas línguas românicas e ficar a saber, assim, que sufixos vieram a desempenhar essa função no decurso da sua evolução.

O repertório dos sufixos aumentativos portugueses<sup>4</sup> está apresentado na **Tabela 1**.

**Tabela 1.** Os sufixos aumentativos portugueses

sufixo	origem	exemplos
<i>-(z)ão, -(z)oa / -(z)ona</i>	lat. <i>-(ī)ō, -(ī)ōnīs</i>	<i>macho &gt; machão</i> <i>orelha &gt; orelhão</i> <i>macha &gt; machoa / machona</i> <i>pé &gt; pezão</i> <i>pai &gt; paizão</i>
<i>-aço, -aça</i>	lat. <i>-ācēus / -ācīus</i>	<i>mestre &gt; mestraço</i> <i>animal &gt; animalaço</i> <i>filme &gt; filmaço</i> <i>cara &gt; caraça</i> <i>mulher &gt; mulheraça</i>
<i>-uço, -uça</i>	lat. <i>-ūcēus / -ūcīus</i>	<i>carda &gt; carduça</i> <i>dente &gt; dentuça</i>
<i>-az</i>	lat. <i>-ax, -ācīs</i>	<i>cão &gt; canaz</i> <i>lobo &gt; lobaz</i>
<i>-ázio</i>	lat. <i>-ācēus / -ācīus</i> (por via semierudita)	<i>copo &gt; copázio</i> <i>bala &gt; balázio</i>
<i>-eiro, -eira</i>	lat. <i>-ārīus</i>	<i>barulho &gt; barulheira</i> <i>bigode &gt; bigodeira</i> <i>cruz &gt; cruzeiro</i>

<sup>3</sup> As informações etimológicas foram consultadas nos dicionários e noutros trabalhos etimológicos: DELP1, DELP2, DELR, Pharies (2002), Sławski (2011).

<sup>4</sup> Com base em: Ettinger (1974: 224–225), Cunha, Cintra (1984: 90–92, 199–200), Villalva (2003: 958–962), Coutinho (2011: 240–241).

<i>-(z)arro, -(z)arra</i>	(?) <i>basco -ar(ra)</i>	<i>boca &gt; bocarra</i> <i>chibo &gt; chibarro</i> <i>navio &gt; naviarra</i>
<i>-(z)orro, -(z)orra</i>	(?) <i>basco -or(ra)</i>	<i>cabeça &gt; cabeçorra</i> <i>mão &gt; mãozorra / manzorra</i> <i>sapato &gt; sapatorro</i>
<i>-ardo, -arda</i>	germ. <i>-hart</i>	<i>mosca &gt; moscardo</i> <i>feliz &gt; felizardo</i>

Os sufixos aumentativos romenos<sup>5</sup> encontram-se na **Tabela 2**.

**Tabela 2.** Os sufixos aumentativos romenos

sufixo	origem	exemplos
<i>-oi, -oaie</i>	lat. <i>-ōnēus / -ōnīus &lt; - (ī)ō, - (ī)ōnīs + -ēus</i>	<i>nas</i> ‘nariz’ > <i>năsoi</i> <i>masă</i> ‘mesa’ > <i>măsoi / măsoaie</i> <i>văduv</i> ‘viúvo’ > <i>văduvoi</i> <i>bubă</i> ‘borbulha’ > <i>buboi</i> <i>mare</i> ‘grande’ > <i>măroi</i>
<i>-an, -ană</i>	esl. <i>-anъ*</i>	<i>junc</i> ‘bezerro’ > <i>juncan</i> <i>bețiv</i> ‘bêbado’ > <i>bețivan</i> <i>bogat</i> ‘rico’ > <i>bogătan</i> <i>prost</i> ‘parvo’ > <i>prostan</i> <i>gras</i> ‘gordo’ > <i>grăsan</i>
<i>-oc, -oacă / -og, -oagă</i>	(?) esl. <i>-okъ**</i>	<i>fată</i> ‘rapariga’ > <i>fătoc</i> <i>piatră</i> ‘pedra’ > <i>pietroc</i> <i>fărță</i> ‘mulher descuidada, prostituta’ > <i>fărțoagă</i>
<i>-ău / -eu</i>	húng. <i>-ó / -ő</i>	<i>baltă</i> ‘charco’ > <i>băltău</i> <i>bun</i> ‘bom’ > <i>bunău</i>

\* Contrariamente à origem eslava sugerida nas fontes romenas (Rosetti 1968: 322), Areán-García (2012: 82) atribui a este sufixo a proveniência latina (*-ānus*), o que vai de encontro aos dados históricos (cf. adiante).

\*\* De facto, são possíveis várias propostas de etimologia, das quais cada uma poderia infirmar-se por ser problemática. Esta parece-nos a mais provável, dado que os sufixos eslavos *-okъ, -oka*, embora raros, formam, entre outros, *nomina agentis*, às vezes com valor intensivo (Sławski 2011: 67–68). O sufixo *-ogъ* (feminino *-oga*), proposto por Rosetti (1968: 325), tem sentido impreciso e é muito raro e quase improdutivo nas línguas eslavas (Sławski 2011: 39). Finalmente, o sufixo *-uga* tem sentido aumentativo, sendo bastante produtivo nos dialetos eslavos orientais e em sérvio e croata (Sławski 2011: 40–41), mas a sua passagem para o romeno *-oagă* explicar-se-ia dificilmente do ponto de vista formal.

### Origem e produtividade dos sufixos aumentativos

Em primeiro lugar, constata-se que a diferenciação dos sufixos aumentativos é notavelmente maior em português (9) do que em romeno (4)<sup>6</sup>. Não se encontram sufixos de

<sup>5</sup> Com base em: Jordan (1956: 310), Ettinger (1974: 355–358), Misterski (1987: 31, 65–68), Pop, Moldovan (1997: 25).

<sup>6</sup> Os trabalhos consultados incluem no grupo das marcas do aumentativo também outros sufixos. Para o português, Cunha, Cintra (1984: 90–92) mencionam *-astro, -astra* (← lat. *-astēr*), que é pura e simplesmente

origem diretamente comum latina, embora *-ōnēus* / *-ōnīus* seja derivado de *-(ī)ō*, *-(ī)ōnīs* com o sufixo *-ēus* que costumava formar adjetivos de matéria:

pt. *-ão* ← lat. *-(ī)ō*, *-(ī)ōnīs* > lat. *-ōnēus* / *-ōnīus* → rom. *-oi*

O sufixo *-(ī)ō*, *-(ī)ōnīs* já era frequente nas obras de Plauto e Terêncio (séculos III–II a.C.), para não falar do latim popular. Este sufixo formava masculinos animados que designavam seres com qualidades salientes ou com o hábito de fazer algo de maneira exagerada, p.ex. *pēdō*, *pēdōnīs* ‘pezudo’ < *pēs*, *pēdīs* ‘pé’; *bibō*, *bibōnīs* ‘beberrão’ < *bībēre* ‘beber’. Posteriormente desenvolveu um valor aumentativo nas áreas daco-, italo- e ibero-românica (exceto o catalão).

Em ambas as línguas há sufixos de origem estrangeira – em português provavelmente bascos (*-arro*, *-orro*) e germânico (*-ardo*), em romeno eslavos (*-an*, *-oc* / *-og*) e húngaro (*-ău* / *-eu*). Isso comprova o caráter inovador da derivação aumentativa das duas línguas.

Olhando globalmente, do ponto de vista semântico, os sufixos aumentativos têm uma proveniência comum, indicando:

- semelhança, pertença ou origem: lat. *-ācēus* / *-ācīus*; *-ūcēus* / *-ūcīus*; *-ārīus*; *-ōnēus* / *-ōnīus*;
- traços – sobretudo defeitos – proeminentes e indesejados: lat. *-(ī)ō*, *-(ī)ōnīs*; *-ax*, *-ācīs*; basco *-ar(ra)*; *-or(ra)*; esl. *-anъ*; *-okъ*; húng. *-ó* / *-ő*;
- força e robustez associadas a masculinidade: germ. *-hart*.

Então, como se verifica, o valor primitivo deles era geralmente referencial e não afetivo.

Quanto à frequência de uso dos sufixos aumentativos, é impossível determinar a produtividade deles sem se proceder a um estudo quantitativo de textos, o qual não faz parte do presente trabalho. Pode-se constatar, porém, que hoje em dia o sufixo predominante em português é *-ão*, e em romeno *-oi*, o que não deve ser fortuito, dada a sua origem comum remota. São um pouco menos utilizados o pt. *-aço* (mais frequente nas camadas inferiores da população (Ettinger 1974: 224–225)) e o rom. *-an*. Mais raros são os outros sufixos cuja distribuição provavelmente não difere significativamente.

Esta situação é comprovada à luz da história das respectivas línguas.

No seu estudo dos sufixos derivacionais em textos portugueses do século XIII, Viaro (2003: 6) assinala 31 ocorrências de aumentativos, dos quais 21 com o sufixo *-[ō]*, notado <*-on*><sup>7</sup>, nove com *-az* e um com *-aço*. No que toca a este último sufixo, a sua raridade

pejorativo (*médico* > *medicastro*, *poeta* > *poetastro*), e *-arêu* (de origem incerta), que é coletivo e depreciativo (*fumo* > *fumarêu*, *povo* > *povarêu*).

No caso do romeno, Iordan (1956: 310) conta *-ai*, *-aie* (← lat. *-ālia*, plural de *-ālis*), cujo valor é claramente coletivo, tal como em latim (p.ex. *apā* ‘água’ > *apāraie* ‘muita água’, *fleașcă* ‘matéria mole, flácida, aquosa’ > *fleașcăraie* ‘grande quantidade de lodo misturado com água e neve’); apenas na palavra *mārhaie* ‘vaca’, derivado lexicalizado de *marhā* ‘bezerro’, se nota um sentido aumentativo. Ao lado dos sufixos aumentativos, Misterski (1987: 67) refere igualmente os pejorativos *-ard*, *-ardă* de importação francesa (*filozofard* ‘filosofastro’, *șablonard* ‘privado de originalidade’) e *-astru*, *-astră* emprestado ao latim (*medicastru*, *poetastru*).

<sup>7</sup> Este sufixo, também notado <*-ō*>, adotará no final do século XV a forma *-ão*, tornando-se assim homónimo de outros sufixos de origem latina que convergiram para essa forma: *-ānum* (→ pt. ant. *-ão*); *-ānem* (→ pt. ant. *-ã*); *-ūdinem* (→ pt. ant. *-õ*). Viaro (2003: 5) enumera precisamente 28 substantivos e adjetivos que indicam a proveniência, formados com o sufixo *-ão* / *-ã* ← lat. *-ānum* / *-ānam*. Mais tarde, o sufixo *-ão* será muito produtivo e servirá para adaptar os empréstimos árabes e exóticos, substituindo as desinências que contêm consoantes nasais, p.ex.: árabe *-am*, *-an*, *-um*, *-un*, malaio *-ong*, *-ang*, *-an* → pt. *-ão* (cf. Castro 1991: 244, Santos 2009: 2497–2498).

é confirmada pela investigação de Santos (2010: 260) que, num conjunto de textos datando dos séculos XIII até XV, só encontrou duas atestações dele. No século XVI, João de Barros (1540: 18–19) escrevia que “(...) quase todos [os aumentativos] se terminam em *-ão* e *-az*, como: *mulherão*, *cavalão*, *velhacaz*, *ladrabraz* e outros que sempre são ditos em desprezo e abatimento da pessoa ou coisa a que os atribuímos”<sup>8</sup>. Resulta, pois, que o sufixo *-ão* sempre foi produtivo, ao passo que *-az* foi perdendo entretanto a sua frequência em prol de *-aço* que veio a afirmar a sua segunda posição.

Em romeno, as formas aumentativas mais antigas são aquelas usadas com o feminino *-oaie*, com atestações anteriores ao século XVI<sup>9</sup>. As palavras com o masculino *-oi* (antigamente *-onũ*) são secundárias em relação ao feminino correspondente e, embora raras, apresentam-se no século XVI (Rosetti 1968: 571; Popescu-Marin 2007: 82, 159–161). O sufixo *-ău* / *-eu* foi atestado já antes do século XVI, mas não abundava no romeno antigo e servia originalmente para formar nomes de agentes e de instrumentos (Rosetti 1968: 419; Popescu-Marin 2007: 80–82). O sufixo *-an* começou a ser produtivo no século XVII (Popescu-Marin 2007: 68). Como se verifica, os sufixos de origem latina sempre foram vivazes e mantiveram a sua predominância até hoje. Ao mesmo tempo, sufixos de proveniência estrangeira vieram a desempenhar, entre várias outras, uma função analógica.

#### Derivação aumentativa e fonética

Uma semelhança de natureza formal resulta do facto de, tanto em português como em romeno, o acento cumprir um papel importante no timbre das vogais. Portanto, a derivação aumentativa sufixal pode provocar mudanças nos radicais:

- elevação das vogais tornadas átonas: pt. *garoto* > *garotão* [o] > [u], *cara* > *carão*, *pata* > *patorra* [a] > [ɐ], *papel* > *papelão*, *mulher* > *mulheraça* [ɛ] > [i], *cabeça* > *cabeçorra* [e] > [i]<sup>10</sup>; rom. *labă* ‘pata’ > *lăboaie*, *carte* ‘livro’ > *cărțoi* [a] > [ə], *băiat* ‘rapaz’ > *băiețoi*, *piatră* ‘pedra’ > *pietroi* [a] > [e], *cămașă* ‘camisa’ > *cămășoi* / *cămeșoi* [a] > [ə] / [e];
- mudança das consoantes finais: pt. *nariz* > *narigão*, *rapaz* > *rapagão* [ʃ] > [ɣ]; rom. *bărbat* ‘homem, varão’ > *bărbățoi*, *hârtie* ‘folha, documento’ > *hârțoagă* [t] > [ts].

No entanto, apenas em romeno se produz a monotongação do ditongo: *oală* ‘panela’ > *oloi*, *moale* ‘suave’ > *molălău*, *oamet* ‘multidão’ > *ometeu* [wa] > [o]; *stea* ‘estrela’ > *steloi* [ɛa] > [e]; *greu* ‘pesado, lento’ > *greoi* [ew] > [e]; comparem-se os exemplos portugueses: *beijo* > *beijão* [ɐj], *caixa* > *caixão* [aj], *mau* > *mauzão* [aw].

<sup>8</sup> Citamos o trecho na ortografia atualizada.

<sup>9</sup> O sufixo composto *-oaică* (< *-oaie* + *-că* de origem eslava), que serve para criar femininos a partir de substantivos masculinos (*franțuz* ‘francês’ > *franțuzoaică*, *urs* ‘urso’ > *ursoaică*), só aparecerá no século XVIII (Popescu-Marin 2007: 82).

<sup>10</sup> Note-se, porém, que a elevação das vogais não ocorre nos derivados que contêm o interfixo *-[z]-*, cf. *pá* > *pazona* [a], *pé* > *pezão* [ɛ], *homem* > *homenzarrão* [ɔ].

Derivação aumentativa e morfologia<sup>11</sup>

A maioria dos derivados é de género masculino em português e neutro em romeno, mesmo quando a base é feminina. Em ambas as línguas também acontece poder derivar-se, de uma só palavra e com um mesmo sufixo, dois aumentativos equivalentes – um masculino ou neutro e outro feminino: pt. *mulher* > *mulherão* / *mulherona*, *peito* > *peitaço* / *peitaça*; rom. *casă* ‘casa’ > *căsoi* / *căsoaie*, *groapă* ‘cova’ > *gropan* / *gropană*.

Em português, os sufixos aumentativos combinam-se facilmente, sendo o resultado final predominantemente *-ão*, *-aço* ou *-az*. Exemplos:

- *-arro* + *-ão*: *homem* > *homenzarrão*, *cão* > *canzarrão*;
- *-eiro* + *-ão*: *tolo* > *toleirão*, *boca* > *boqueirão*;
- *-alho*<sup>12</sup> + *-ão*: *frade* > *fradalhão*, *drama* > *dramalhão*;
- *-alho* + *-aço*: *amigo* > *amigalhaço*, *gordo* > *gordalhaço*;
- *-alho* + *-az*: *faca* > *facalhaz*, *preto* > *pretalhaz*;
- *-arro* + *-az*: *prato* > *pratarraz*;
- *-ão* + *-il*<sup>13</sup>: *corpo* > *corpanzil*.

Em romeno, se não incluirmos os derivados com um tipo de sufixo composto *-ăl-ău* (*prost* ‘parvo’ > *proștiălău*, *mut* ‘calado’ > *mutălău*), no qual não está claro o valor de *-ăl-*, pode-se constatar que a acumulação dos sufixos aumentativos não se produz.

Pelo contrário, em ambas as línguas existem diferentes formas aumentativas equivalentes derivadas de uma só base, p.ex.: pt. *gato* > *gatão* / *gatarrão*, *perna* > *pernã* / *pernaça*, *prato* > *pratarraz* / *pratalhaz*, *bala* > *balázio* / *balaço*, *faca* > *facão* / *facalhão* / *facalhaz*; rom. *băiat* ‘rapaz’ > *băiețoi* / *băietan*, *piatră* ‘pedra’ > *pietroi* / *pietroc*. Em português este fenómeno é mais frequente, dada a maior riqueza de sufixos e as suas composições.

Acrescente-se que tanto em português como em romeno a formação dos aumentativos se limita a substantivos e adjetivos<sup>14</sup>.

## Derivação aumentativa e semântica

Um outro elemento comum às duas línguas é a gama dos sentidos veiculados pelos sufixos aumentativos: desde o objetivo, relacional, concreto, alargador (pt. *mulheraça*, *copázio*; rom. *omoi* ‘homem de grande estatura’, *bălțoi* ‘charco grande’), através do figurado, indicando a grandeza ou a intensidade (pt. *calorzão*; rom. *nuntălău* ‘copo-de-água grande’) até ao subjetivo com matiz depreciativo, irónico (pt. *doutoraço*, *poetaço*, *senhoraço*; rom. *băboi* ‘velhota aborrecida’, *fătoi* ‘raparigão’, *slugoi* ‘bajulador’). É interessante observar que as nuances apreciativas só aparecem em português (*paizão*,

<sup>11</sup> É preciso mencionar, a esse respeito, o trabalho de Pottier (1953) sobre o comportamento morfológico das palavras portuguesas derivadas com afixos chamados pelo autor “infixos modificadores”.

<sup>12</sup> O sufixo *-alho* / *-alha* tem valor coletivo e pejorativo (*corda* > *cordoalha*, *gente* > *gentalha*), a partir dos quais ocasionalmente aparecem nuances aumentativas secundárias, p.ex. *muro* > *muralha*, *ramo* > *ramalho*.

<sup>13</sup> O sufixo *-il* não se apresenta como marca aumentativa autónoma, mas pode participar também na formação de derivados deverbais, p.ex. *comilão* < *comer*.

<sup>14</sup> Contudo, o português do Brasil parece um pouco mais flexível a esse respeito, admitindo formas desconhecidas na variante europeia, p.ex. *obrigadão* / *obrigadaço* < *obrigado*.

*politicão, chefão, mestrado, estudantaço, golaço*). Também é nesta língua que de vez em quando se nota o valor coletivo desenvolvido a partir da ideia de grandeza e abundância (*dentuça, galinhaço, femeaço*), o qual está ausente em romeno.

Tanto em português como em romeno existem antigos aumentativos lexicalizados que deixaram de desempenhar a função primitiva, mesmo que a sua forma continue transparente. São p.ex.: pt. *palavrão* < *palavra*, *portão* < *porta*, *solteirão* < *solteiro*, *ferraça* < *ferro*, *cartaz* < *carta*, *atuarro* ‘espécie de atum’ < *atum*; rom. *căroaie* ‘carrinho de mão’ < *car* ‘carro’, *strigoi* / *strigoaie* ‘vampiro, fantasma’ < *strigă* ‘bruxa’, *cuțitoaie* ‘cutelão’ < *cuțit* ‘faca’, *țăpoi* ‘forcado’ < *țeapă* ‘estaca’, *cepoi* ‘cebola que floresce e produz semente’ < *ceapă* ‘cebola’, *barosan* (adj.) ‘muito grande’ / (subst.) ‘pessoa rica, influente’ < *baros* ‘malho’.

Nas duas línguas comprova-se igualmente a polivalência semântica dos sufixos aumentativos, ou seja, a propriedade de poderem criar outros tipos de derivados não aumentativos:

- nomes de machos de espécies animais, p.ex. pt. *cabrão* ‘bode’ < *cabra*, *lebrão* < *lebre*, *perdigão* < *perdiz*; rom. *rățoi* ‘pato’ < *rață* ‘pata’, *vulpoi* / *vulpan* ‘raposo’ < *vulpe* ‘raposa’, *curcan* ‘peru’ < *curcă* ‘perua’, *mățoc* ‘gato’ < *măță* ‘gata’;
- *nomina agentis* (substantivos e adjetivos deverbais), p.ex. pt. *berrão* < *berrar*, *mandão* < *mandar*, *pedinchão* < *pedinchar*, *brincalhão* < *brincar*, *roaz* < *roer*; rom. *ascultoi* ‘obediente’ < *asculta* ‘escutar, ouvir’, *lingău* ‘lisonjeador’ < *linge* ‘lamber’, *mâncău* ‘comilão’ < *mânca* ‘comer’, *torcălău* ‘fiandeiro’ < *toarce* ‘fiar’;
- derivados difíceis de classificar, p.ex. pt. *gatázio* ‘unha de gato’ < *gato*; rom. *terfelog* ‘registro provisório, livro velho e sujo’ < *terfeli* ‘sujar, manchar’.

Alguns tipos de derivados só existem numa das línguas consideradas, nomeadamente:

- nomes de verbais de ações e dos seus resultados, em geral violentos – em português, p.ex. *empurrão* < *empurrar*, *rasgão* < *rasgar*, *arremessão* < *arremessar*, *puxão* < *puxar*, *repelão* < *repelir*;
- nomes de fêmeas de espécies animais, feminino de nomes de espécies vegetais e de pessoas – em romeno, p.ex. *leoaie* ‘leoa’ < *leu* ‘leão’, *orzoaie* ‘cevada de dois renques’ < *orz* ‘cevada’, *zmeoaie* ‘personagem feminina que é a encarnação fabulosa das forças do mal’ < *zmeu* ‘personagem masculina etc.’, *găzdoaie* ‘anfiteatro’ < *gazdă* ‘anfiteatro’<sup>15</sup>;
- nomes de crias de animais – em romeno, p.ex. *lupan* ‘lobato’ < *lup* ‘lobo’, *vulpan* ‘cria de raposa’ < *vulpe* ‘raposa’.

## CONCLUSÃO

Os principais traços da formação dos aumentativos nas línguas portuguesa e romena podem ser resumidos numa tabela (**Tabela 3**).

<sup>15</sup> Salvo *găzdoaie*, todos os outros femininos deste grupo têm uma forma paralela mais recente e mais usada na língua contemporânea: *leoaică*, *zmeoaică*, *orzoaică* (cf. nota 9).

**Tabela 3.** Resumo das características da formação dos aumentativos em português e em romeno

	<b>português</b>	<b>romeno</b>
número de sufixos aumentativos	9	4
<b>fonética</b>		
mudanças nos radicais dos derivados aumentativos:	sim	sim
• elevação das vogais átonas	sim	sim
• mudança das consoantes finais	sim	sim
• monotongação dos ditongos	não	sim
<b>morfologia</b>		
género gramatical predominante das formas aumentativas	masculino	masculino, neutro
derivação de dois aumentativos equivalentes de géneros gramaticais diferentes a partir de uma só palavra e com um mesmo sufixo	sim	sim
acumulação de sufixos aumentativos numa só forma	sim	não
várias formas aumentativas derivadas de uma só base	sim	sim
bases possíveis da derivação aumentativa	substantivo, adjetivo	substantivo, adjetivo
<b>semântica</b>		
significado objetivo concreto: ‘X grande, de dimensões consideráveis’	sim	sim
significado objetivo figurado: ‘X grande, intenso’	sim	sim
significado subjetivo depreciativo: ‘X mau, ruim, reles’	sim	sim
significado subjetivo apreciativo: ‘X muito bom, admirável’	sim	não
valor coletivo ocasional	sim	não
antigos aumentativos lexicalizados	sim	sim
polivalência semântica dos sufixos aumentativos – outros significados possíveis:	sim	sim
• nomes de machos de espécies animais	sim	sim
• <i>nomina agentis</i>	sim	sim
• nomes deverbais de ações e dos seus resultados	sim	não
• nomes de fêmeas de espécies animais, feminino de nomes de espécies vegetais e de pessoas	não	sim
• nomes de crias de animais	não	sim

Como se verifica, a derivação aumentativa é mais rica e diversificada em português do que em romeno. As suas características que não existem em romeno – combinação de sufixos, sentido subjetivo também apreciativo – fazem pensar numa fase de evolução mais avançada<sup>16</sup> (mas que o romeno não tem que conhecer obrigatoriamente no futuro). Pode-se igualmente constatar que em português, o qual resulta de uma romanização mais antiga, duradoura e intensa, se acentuaram algumas tendências do desenvolvimento semântico dos sufixos latinos, o que se comprova através de uma maior presença de sufixos aumentativos de proveniência latina nesta língua. Em romeno, fruto de latinização

<sup>16</sup> Relembre-se que João de Barros ainda atribuía às formas aumentativas um valor subjetivo exclusivamente depreciativo.

mais tardia, curta e superficial, os sufixos aumentativos (e avaliativos em geral) foram quase completamente renovados, estando a continuação do latim limitada, sob este aspeto, a um só sufixo.

Contudo, quanto à formação dos aumentativos, entre o português e o romeno há mais semelhanças e analogias do que diferenças. As duas línguas revelam o caráter inovador desse tipo de derivação, inexistente no latim, pela presença de sufixos de origem estrangeira. Também ambas admitem facilmente novas criações aumentativas, o que não surpreende, uma vez que são igualmente muito propícias à derivação diminutiva (cf. Debowiak 2011: 94).

Com este trabalho, esperamos ter contribuído não só para o estudo dos aumentativos em português e em romeno, mas também incitar à investigação dessas duas línguas que, na linguística românica, raramente constituem pontos de referência (e ainda menos de referência mútua) em análises comparativas.

## Símbolos

> / < indicam derivação

→ / ← indicam proveniência etimológica

## REFERÊNCIAS:

- ALONSO Amado, 1974, *Noción, emoción, acción y fantasía en los diminutivos*, (in:) *Estudios lingüísticos: temas españoles* (tercera edición), Madrid: Gredos, 161–189.
- AREÁN-GARCÍA Nilsa, 2012, Estudo comparativo de sufixos nas línguas romena e portuguesa, *Revista Philologus* 52: 81–92.
- BAKEMA Peter, GEERAERTS Dirk, 2000, *Diminution and augmentation*, (in:) *Morphologie: ein internationales Handbuch zur Flexion und Wortbildung*, vol. 2, Geert Booij, Christian Lehmann, Joachim Mugdan (Hg.), Berlin–New York: Walter de Gruyter, 1045–1052.
- BARROS João DE, 1540, *Grammatica da lingua Portuguesa*, Olyssippone: Apud Lodouicum Rotorigiū Typographum, <http://purl.pt/12148> (consultado em 24.01.2020).
- BAUER Laurie, 1997, Evaluative Morphology: In Search of Universals, *Studies in Language* 21(3): 533–575.
- BECCARIA Gian Luigi (dir.), 1989, *Dizionario di linguistica e di filologia, metrica, retorica*, Torino: Einaudi.
- CARDONA Giorgio Raimondo, 1988, *Dizionario di Linguistica*, Roma: Armando Editore.
- CASTRO Ivo, 1991, *Curso de História da Língua Portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta.
- CDP = *Corpus do Português*, <http://www.corpusdoportugues.org> (consultado em 21.01.2020).
- CONDREA Irina, 2007, Valori stilistice ale formelor diminutive, *Limba Română XVII/7–9*, <http://limbaromana.md/index.php?go=articol&n=704> (consultado em 15.01.2020).
- COUTINHO Ismael DE LIMA, 2011, *Gramática histórica*, Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio.
- CUNHA Celso, CINTRA Luís Filipe LINDLEY, 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- DARDANO Maurizio, TRIFONE Pietro, 1999, *Grammatica italiana con nozioni di linguistica* (terza edizione), Bologna: Zanichelli.
- DELI = CORTELAZZO Manlio, ZOLLI Paolo, 2004, *Dizionario etimologica della lingua italiana* (edizione minore a cura di Manlio Cortelazzo e Michele A. Cortelazzo), Bologna: Zanichelli.

- DELP1 = MACHADO José Pedro (1952–1959), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Confluência.
- DELP2 = CUNHA Antônio Geraldo DA, 2012, *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (4ª edição revista e atualizada, 3ª impressão), Rio de Janeiro: Lexicon.
- DELR = CIORĂNESCU Alexandru, 2002, *Dicționarul etimologic al limbii române* (Ediție îngrijită și traducere din limba spaniolă de Tudora Șandru Mehedinți și Magdalena Popescu Marin), București: Editura Saeculum I. O.
- DĘBOWIAK Przemysław, 2011, Quelques remarques sur les diminutifs en portugais et en roumain, *Romanica Cracoviensia* 2011(11): 90–98.
- DĘBOWIAK Przemysław, 2014, *La formation diminutive dans les langues romanes*, Frankfurt am Main–Bern–Bruxelles–New York–Oxford–Warszawa–Wien: Peter Lang.
- DINDELEGAN Gabriela PANĂ (coord.), 2010, *Gramatica de bază a limbii române*, București: Univers Enciclopedic Gold.
- ETTINGER Stefan, 1974, *Diminutiv- und Augmentativbildung: Regeln und Restriktionen. Morphologische und semantische Probleme der Distribution und der Restriktion bei der Substantivmodifikation im Italienischen, Portugiesischen, Spanischen und Rumänischen*. Tübingen: s.n.
- FERNÁNDEZ Emilio NÁNEZ, 1997–1998, Amado Alonso y el diminutivo, *CAUCE. Revista de Filología y su Didáctica* 20–21: 173–182.
- GRANDI Nicola, 2002, *Development and Spread of Augmentative Suffixes in the Mediterranean Area*, (in:) *Mediterranean Languages*, Paolo Ramat, Thomas Stolz (eds.), Bochum: Dr. Brockmeyer University Press, 171–190. Ficheiro PDF com o rascunho do texto (15 páginas) descarregado desde: <http://www.grandionline.net/nicola/publicazioni/> (consultado em 3.03.2014).
- HAKAMIES Reino, 1951, *Étude sur l'origine et l'évolution du diminutif latin et sa survie dans les langues romanes*, Helsinki: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura.
- HASSELROT Bengt, 1957, *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*, Uppsala–Wiesbaden: A.-B. Lundequistska Bokhandeln & Otto Harrassowitz.
- IORDAN Iorgu, 1956, *Limba română contemporană*, București: Editura Ministeriului Învățământului.
- MISTERSKI Henryk, 1987, *Sufiksacja w języku rumuńskim*, Poznań: Wydawnictwo Naukowe UAM.
- MOUNIN Georges (dir.), 1974, *Dictionnaire de la linguistique*, Paris: Presses Universitaires de France.
- PHARIES David, 2002, *Diccionario etimológico de los sufijos españoles*, Madrid: Gredos.
- POLAŃSKI Kazimierz (red.), 2003, *Encyklopedia językoznawstwa ogólnego* (wydanie trzecie), Wrocław–Warszawa–Kraków: Ossolineum.
- POP Liana, MOLDOVAN Victoria (eds.), 1997, *Grammaire du roumain. Romanian Grammar. Gramatica limbii române*, Cluj: Editura Echinox.
- POPESCU-MARIN Magdalena (coord.), 2007, *Formarea cuvintelor în limba română din secolele al XVI-lea – al XVIII-lea*, București: Editura Academiei Române.
- POTTIER Bernard, 1953, Les infixes modificateurs en portugais. Note de morphologie générale, *Boletim de Filologia* XIV: 233–256.
- PUȘCARIU Sextil, 1899, *Die rumänischen Deminutivsuffixe*, Leipzig: J.A. Barth.
- PUȘCARIU Sextil, 1937, *Au sujet des diminutifs roumains*, (in:) *Études de linguistique roumaine*, Cluj–București: Imprimeria Națională, 305–313.
- RAE = Real Academia Española, 2010, *Nueva gramática de la lengua española*, vol. I: *Morfología. Sintaxis I*, Madrid: Espasa Libros.
- RIEGEL Martin, PELLAT Jean-Christophe, RIOUL René, 2009, *Grammaire méthodique du français* (4<sup>e</sup> édition complètement revue), Paris: Presses Universitaires de France.
- ROSETTI Alexandru, 1968, *Istoria limbii române de la origine pînă în secolul al XVII-lea*, București: Editura pentru literatură.
- SANTOS Alice PEREIRA, 2009, *Para além do significado de aumentativo do sufixo -ão*, (in:) *Anais do XIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2496–2510.
- SANTOS Alice PEREIRA, 2010, Diacronia e sincronia do sufixo *-aço*: desenvolvimento dos valores semânticos e frequência de uso, *Estudos Linguísticos* 39(1): 258–271.

- SKORGE Sílvia, 1956–1957, Os sufixos diminutivos em português, *Boletim de Filologia* XVI: 50–90, 222–305.
- SKORGE Sílvia, 1958, Os sufixos diminutivos em português, *Boletim de Filologia* XVII: 20–53.
- SŁAWSKI Franciszek, 2011, *Slowotwórstwo, słownictwo i etymologia słowiańska*, Kraków: Polska Akademia Umiejętności.
- SOLÀ Joan *et al.*, 2002, *Gramàtica del català contemporani*, vol. 1: *Introducció. Fonètica i fonologia. Morfologia*, Barcelona: Editorial Empúries.
- TLF = *Le Trésor de la Langue Française Informatisé*, <http://atilf.atilf.fr/> (consultado em 20.01.2020).
- VÄÄNÄNEN Veikko, 1967, *Introduction au latin vulgaire*, Paris: Librairie C. Klincksieck.
- VIARO Mário Eduardo, 2003, Para um estudo de semântica sincrônica dos sufixos derivacionais em português do século XIII, *Estudos lingüísticos*, Unitau, Taubaté, 6 páginas não numeradas, <http://www.usp.br/gmhp/publ/Via21.pdf> (consultado em 15.01.2020).
- VILLALVA Alina, 2003, *Formação de palavras: afixação*, (in:) *Gramática da Língua Portuguesa* (7.<sup>a</sup> edição), Maria Helena Mira Mateus *et al.*, Lisboa: Caminho, 939–967.
- ZAFIU Rodica, 2010, *Evaluarea diminutivelor*, (in:) *Studii de limba română. Omagiu profesorului Grigore Brâncuș*, Gheorghe Chivu, Oana Uță Bărbulescu (eds.), București: Editura Universității din București, 291–297.
- ZAFIU Rodica, 2011, *Diminutivele în româna actuală: lexicalizare și utilizare pragmatică*, (in:) *Studii de lingvistică. Omagiu doamnei profesoare Angela Bidu-Vrânceanu*, Isabela Nedelcu *et al.* (eds.), București: Editura Universității din București, 373–382.